Borracha Burrachona

0124

Daniela Chindler
Ilustrado por Guto Nóbrega





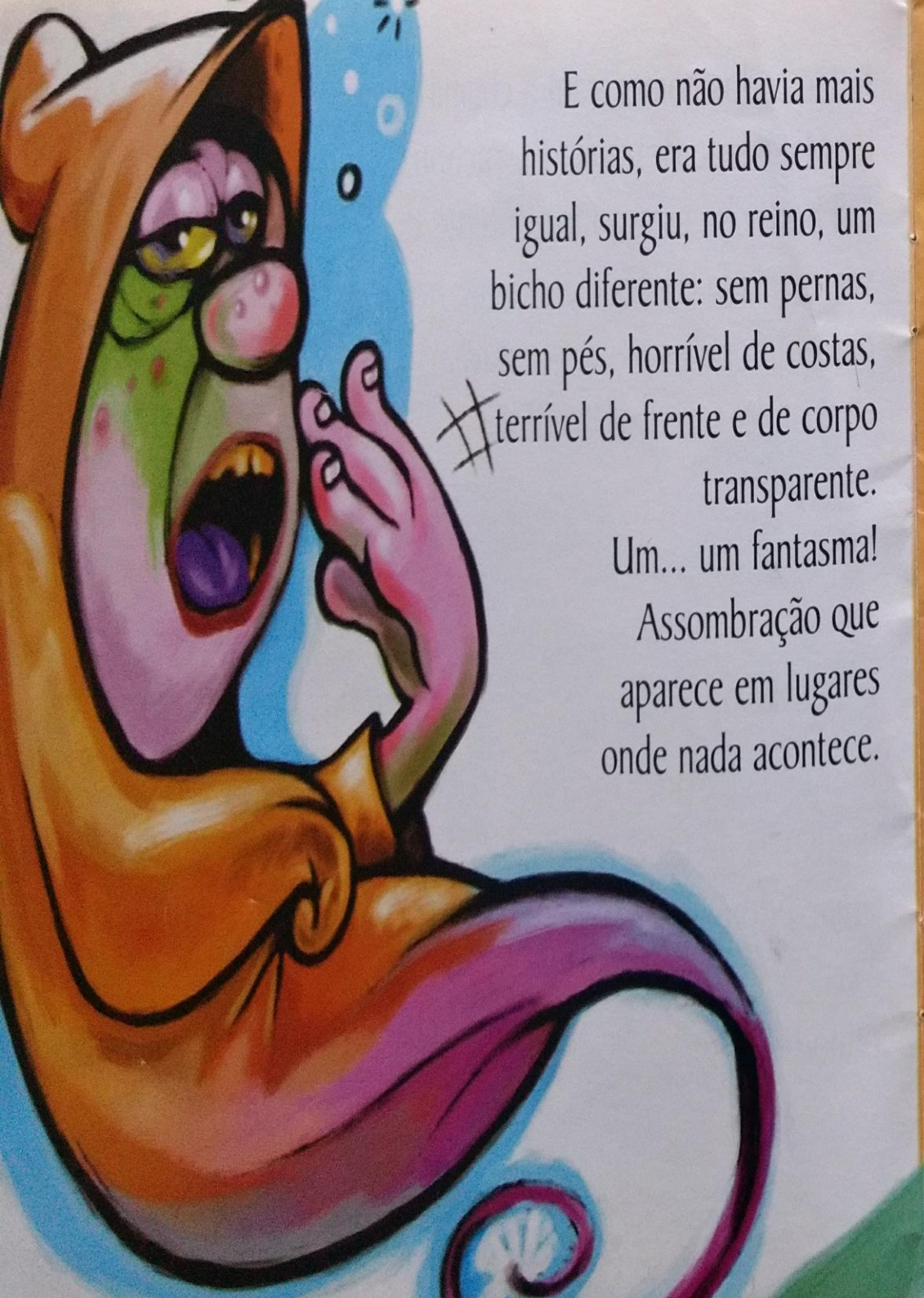
Essa é a história de uma borracha que
queria mandar em tudo.
Ela pensava que era a dona do pedaço,
ou melhor, a dona do papel.
E não queria nem ouvir falar de outras
histórias - apagava tudo.



Então todos começaram a chamá-la de Majestade Borracha Burrachona. E a borracha estava tão contente de ser chamada de Majestade que nem percebia que as pessoas estavam chamando-a de grande Burra.

A Majestade Borracha Burrachona estava toda orgulhosa de ter o reino mais branco do mundo.
Mas qual é a graça de ter um reino todo branco?





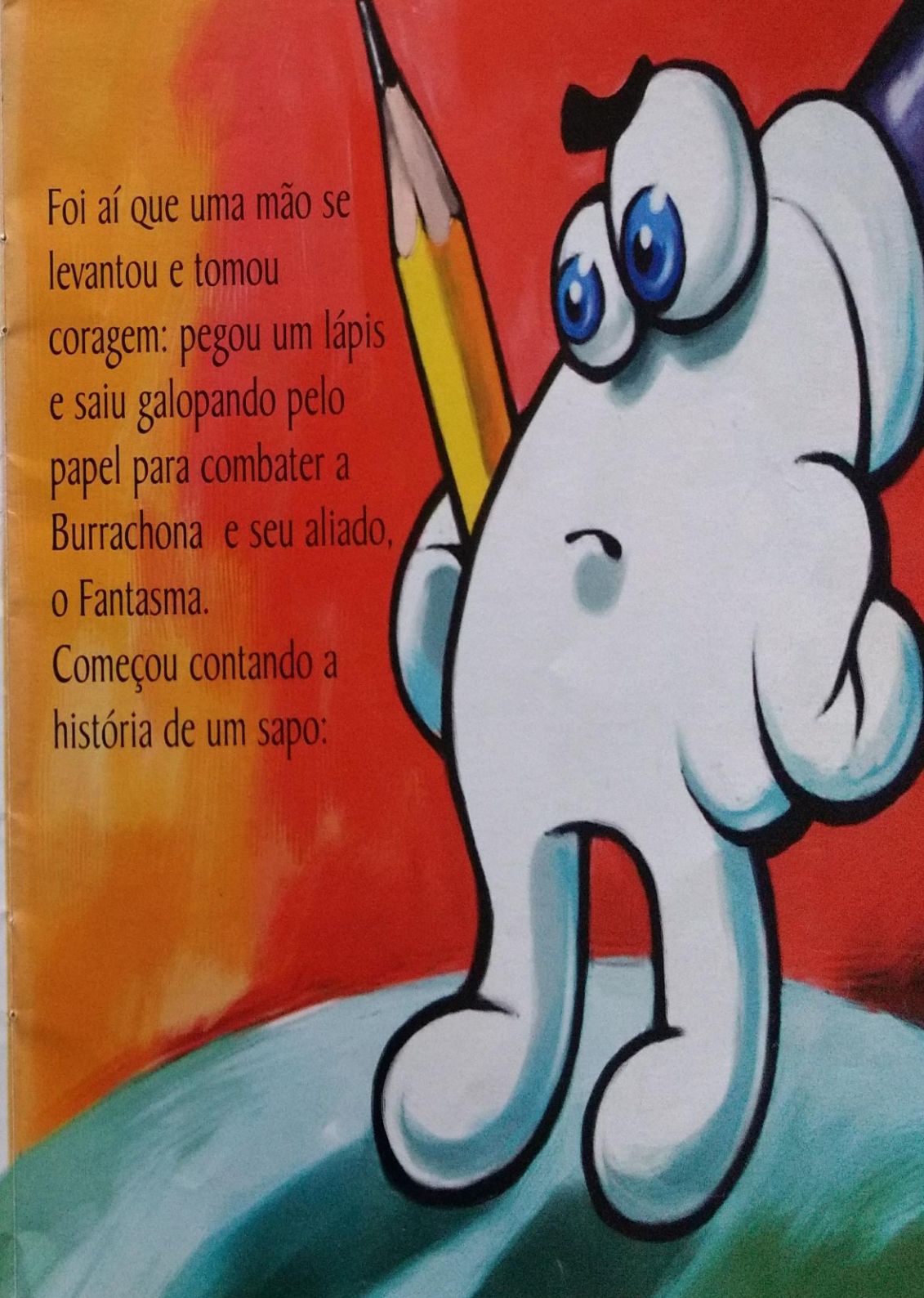
E como não havia mais histórias, era tudo sempre igual, surgiu, no reino, um bicho diferente: sem pernas, sem pés, horrível de costas, terrível de frente e de corpo transparente.

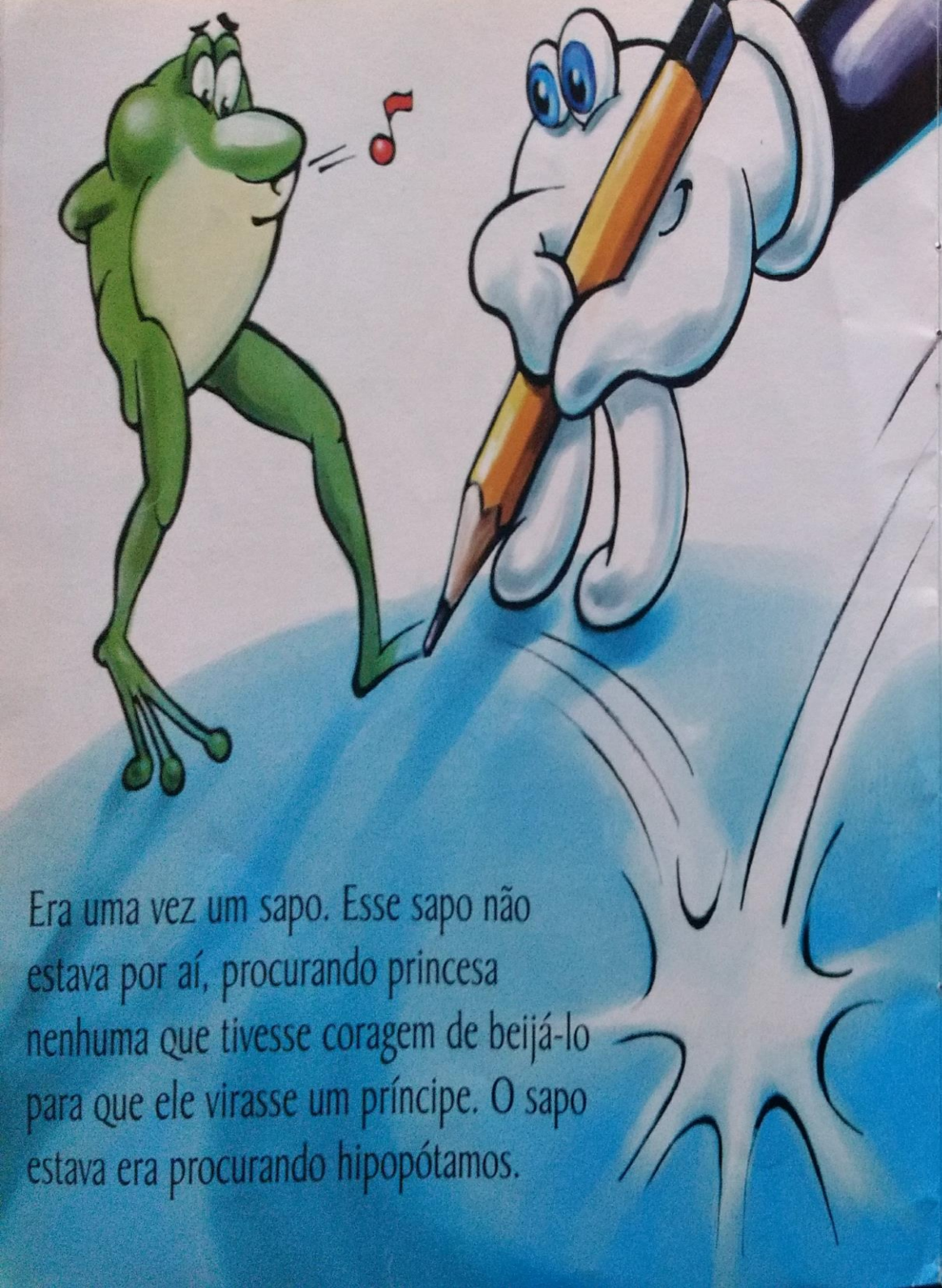
Um... um fantasma!

Assombração que aparece em lugares onde nada acontece.

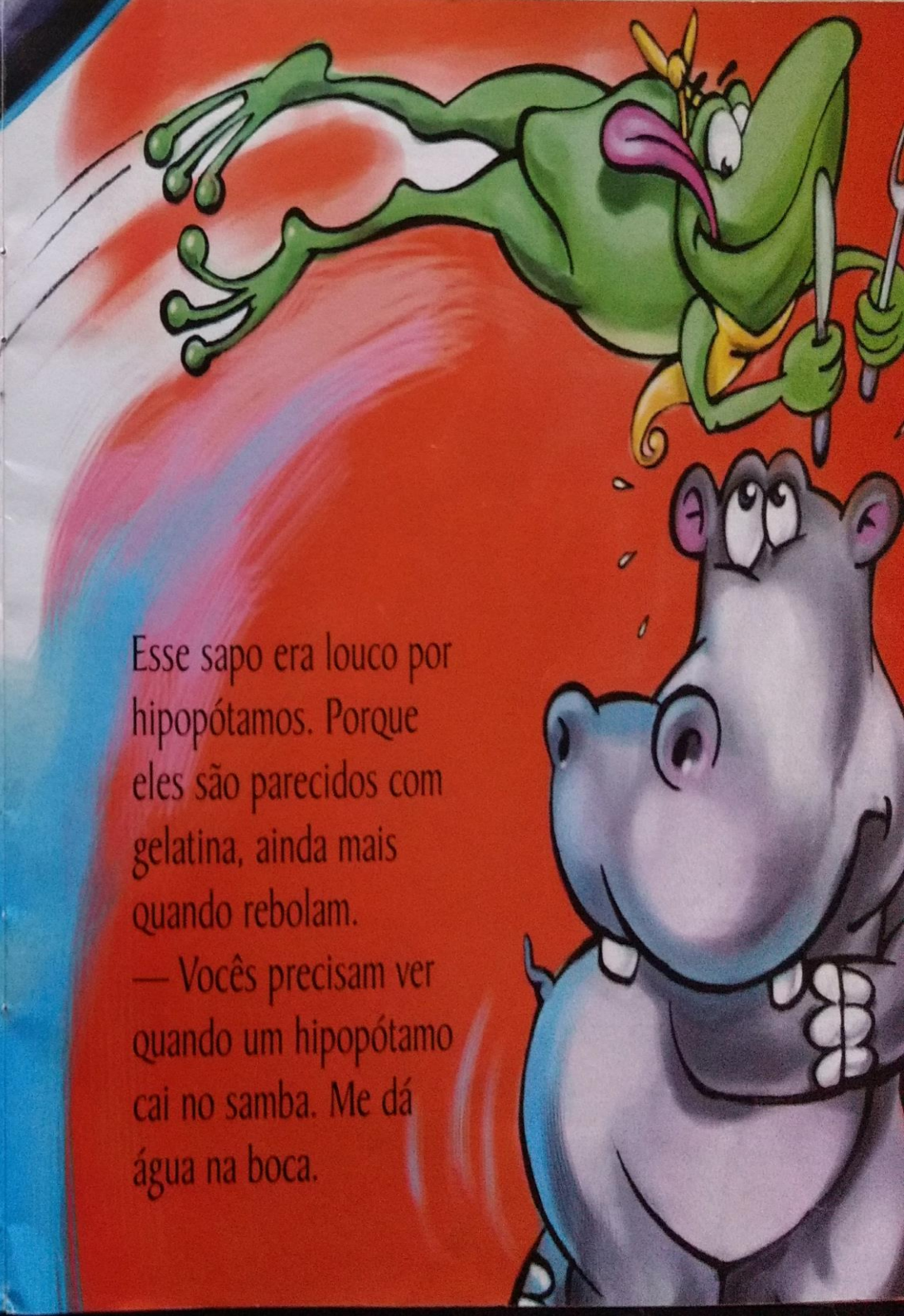
Foi aí que uma mão se levantou e tomou coragem: pegou um lápis e saiu galopando pelo papel para combater a Burrachona e seu aliado, o Fantasma.

Começou contando a história de um sapo:





Era uma vez um sapo. Esse sapo não estava por aí, procurando princesa nenhuma que tivesse coragem de beijá-lo para que ele virasse um príncipe. O sapo estava era procurando hipopótamos.



Esse sapo era louco por hipopótamos. Porque eles são parecidos com gelatina, ainda mais quando rebolam.

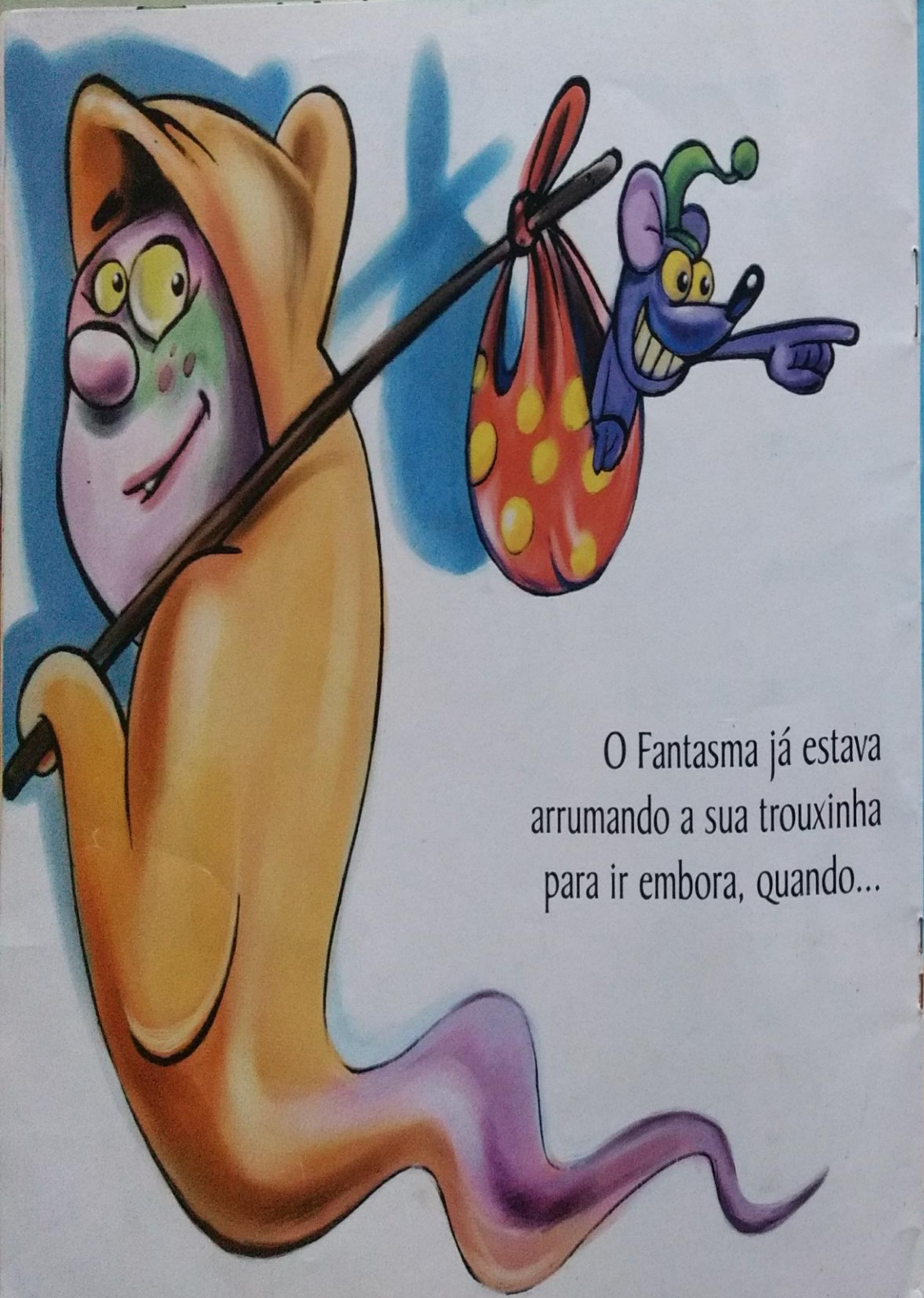
— Vocês precisam ver quando um hipopótamo cai no samba. Me dá água na boca.



O único problema é que
hipopótamo engorda.
Mas esse sapo comilão
não queria nem saber.

E lá foi ele lanchar um hipopótamo

— Hum! — Falou o sapo,
lambendo os beiços.
— Esse tinha gosto
de framboesa.

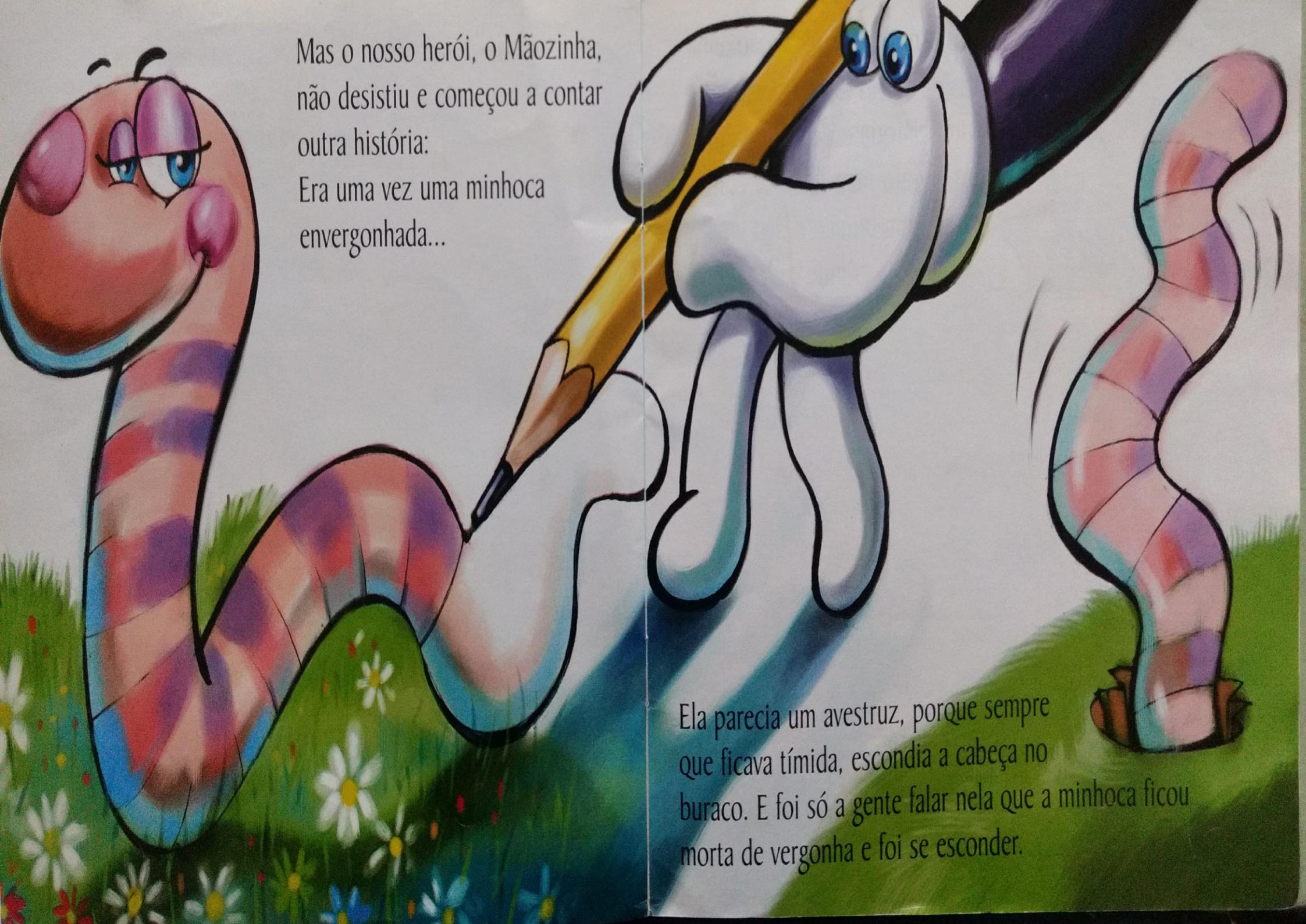


O Fantasma já estava arrumando a sua trouxinha para ir embora, quando...

A Borracha-Burrachona veio e apagou a história.

— Não quero nenhum sapo verde e gosmento sujando a minha folha.

E tudo voltou a ser branco e sem graça.



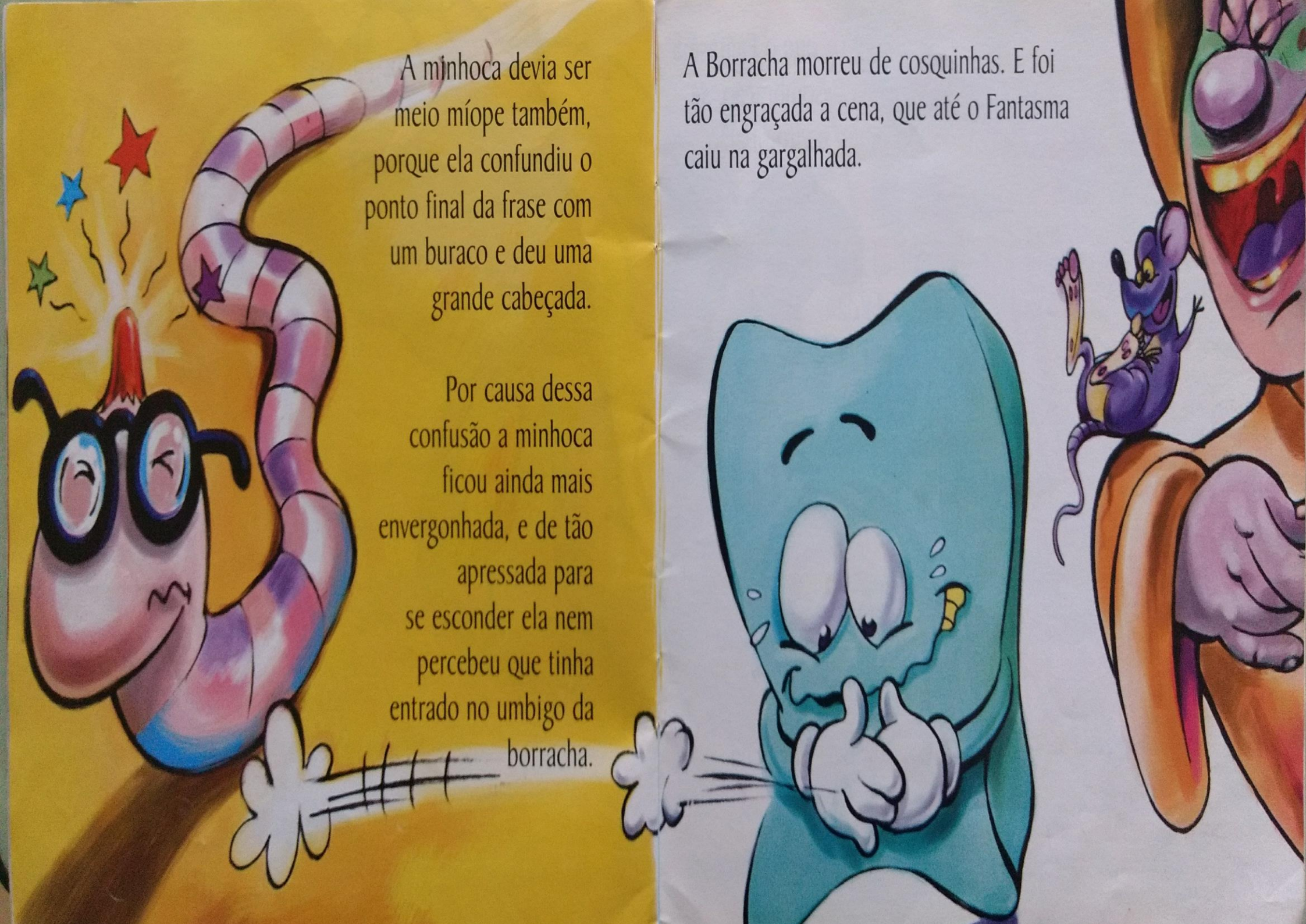
Mas o nosso herói, o Mãozinha, não desistiu e começou a contar outra história:
Era uma vez uma minhoca envergonhada...

Ela parecia um avestruz, porque sempre que ficava tímida, escondia a cabeça no buraco. E foi só a gente falar nela que a minhoca ficou morta de vergonha e foi se esconder.

A minhoca devia ser meio míope também, porque ela confundiu o ponto final da frase com um buraco e deu uma grande cabeçada.

Por causa dessa confusão a minhoca ficou ainda mais envergonhada, e de tão apressada para se esconder ela nem percebeu que tinha entrado no umbigo da borracha.

A Borracha morreu de cosquinhas. E foi tão engraçada a cena, que até o Fantasma caiu na gargalhada.





E era tão bom rir que o Fantasma desistiu de ser assombração, se enrolou todinho e virou balão.

A Borracha ficou tiririca de raiva, fula da vida, e tratou de apagar logo a minhoca.

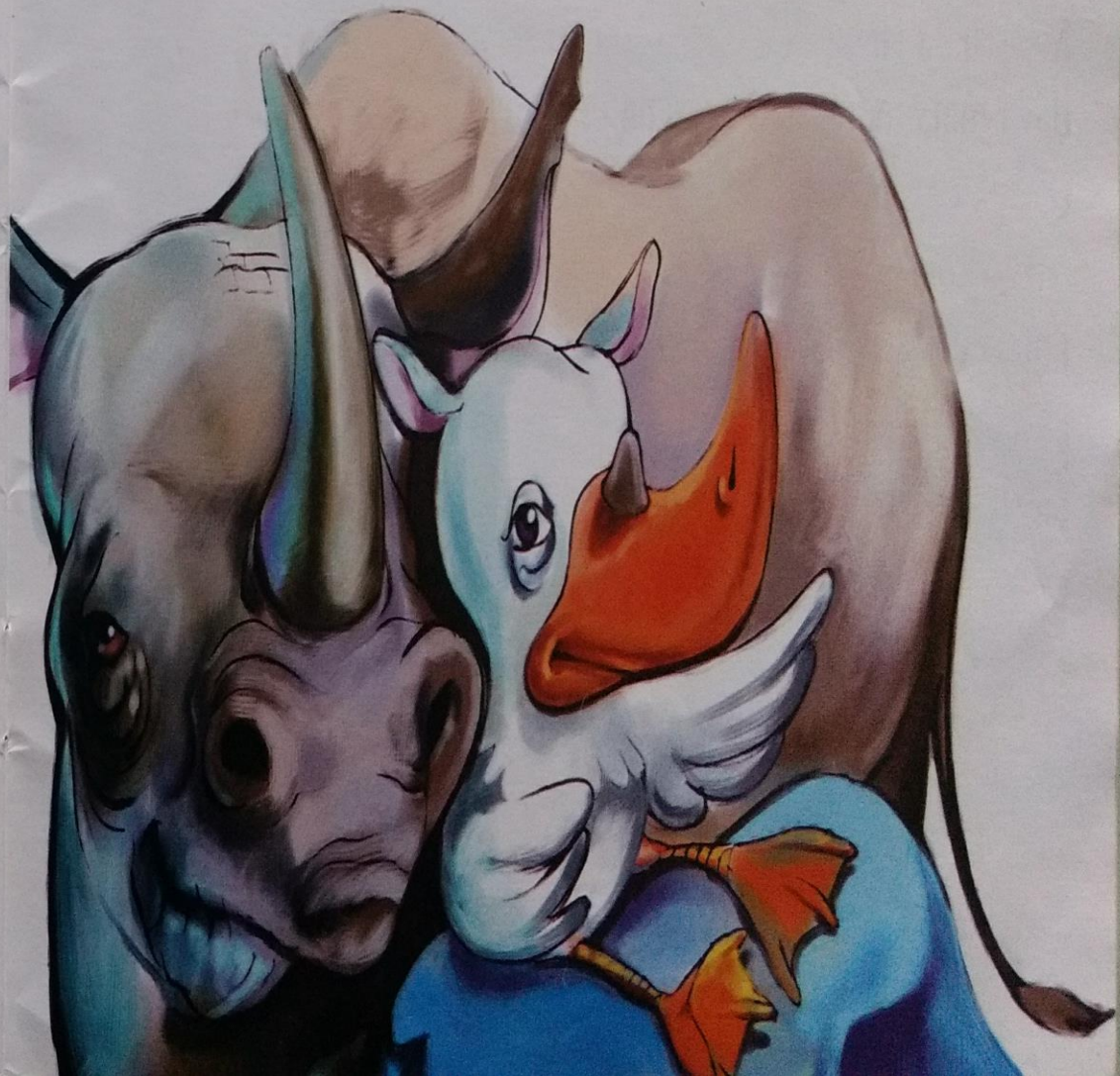
A minhoca ainda tentou fugir, mas a borracha foi correndo atrás dela até apagar o último pontinho.

— Já que essa Borracha não gosta de histórias engraçadas, eu vou contar uma história medonha — falou o Maõzinha, piscando o olho.
Medonha é coisa que dá medo e o Mãozinha tinha descoberto que o que dava mais medo na Borracha eram as coisas engraçadas.

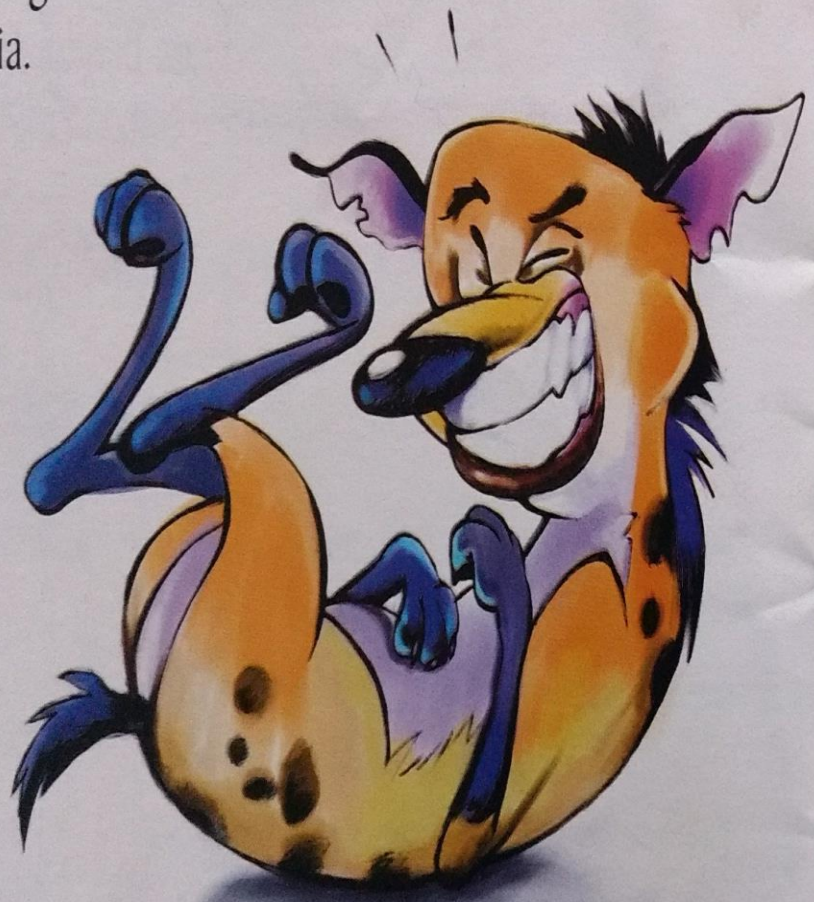
Então ela contou: Era uma vez um patinho feio, mas tão feio, mas tão feio, que ao invés de virar cisne, virou rinoceronte.



E foi viver, feliz para sempre, no meio de um bando de rinocerontes.



A Borracha não gostou de nada da história.



Mas a hiena quase morreu de rir:
— Imaginem — falou a hiena — um patinho que virou rinoceronte.

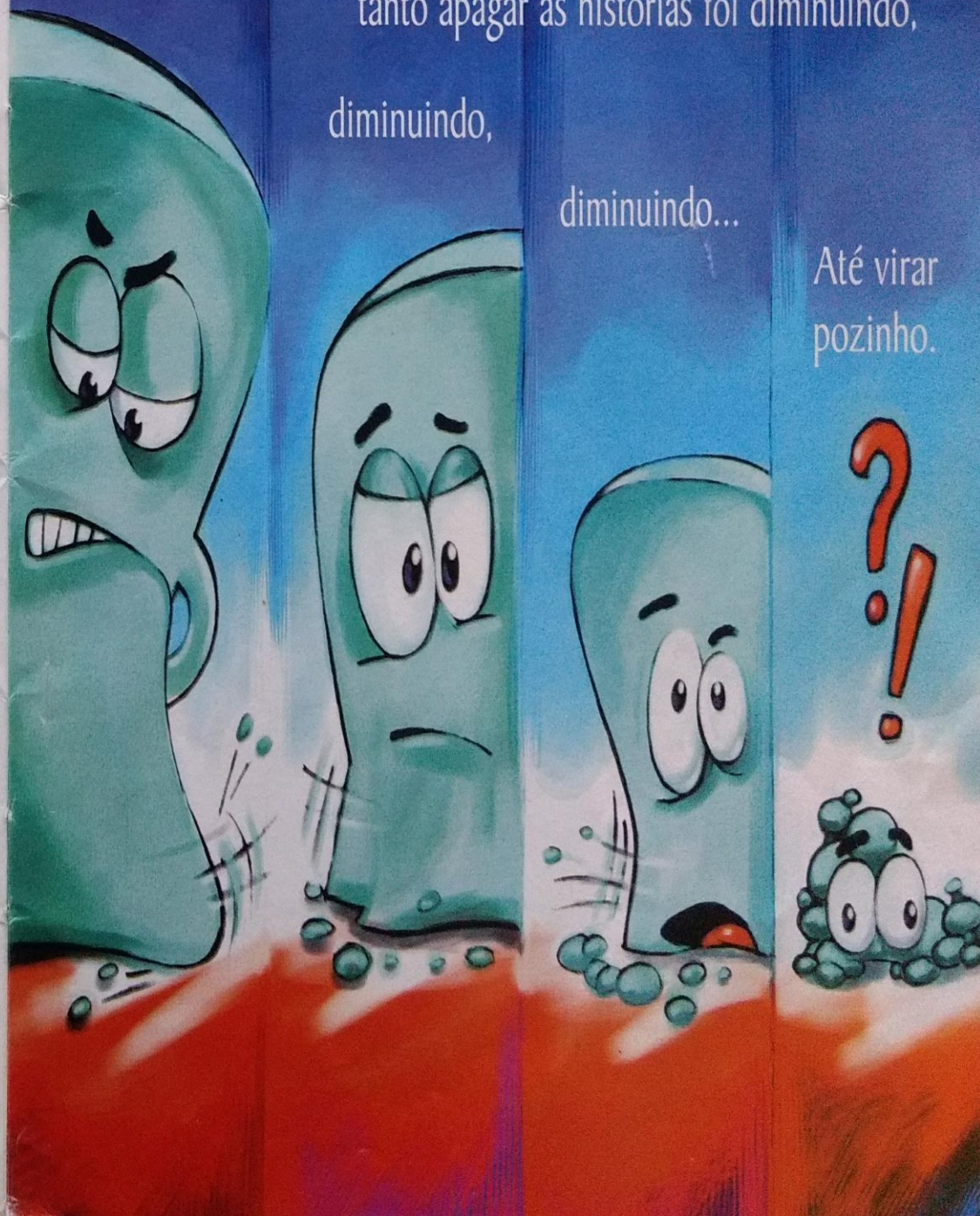
E a Borracha apagou a hiena também.

Só que a rainha Borracha Burrachona que era tão poderosa, de tanto apagar as histórias foi diminuindo,

diminuindo,

diminuindo...

Até virar pozinho.




E, agora, a gente já pode contar todas
as histórias.
ERA UMA VEZ...
A NOSSA VEZ.

Essa Borracha Burrachona até parece certas pessoas que existem por aí: mal humoradas, mandonas, prepotentes. Sempre querendo apagar toda a graça do mundo, para reduzi-lo a uma página em branco.
O que fazer para dar uma volta nas burrachonas?
Usar a imaginação.
Numa linguagem bem adequada, Daniela Chindler conta aqui uma história divertida, gostosa de ler.
Um barato!
Moral da história: viver é criar.

Antônio Torres

Borracha Burrachona é uma pré ou pós história.
Uma história sobre a própria possibilidade de inventar uma história

Geraldo Carneiro

ISBN 85-281-0336-6
9 788528 103366

SALAMANDRA